

O UNIVERSO NUM BOTÃO

Fernando Carlos Chamas

Resumo: A representação artística da Flor de Lótus é um dos maiores temas da Escultura Budista. Sua mitologia, uma das mais antigas do mundo, prenunciou a entrada do budismo no Japão e culminou na gravura nas pétalas de lótus do pedestal do Grande Buda Rushana do Templo Tōdaiji.

Abstract: The representation artistic of flower of lotus is one of the biggest subjects of the Buddhist Sculpture. Its mythology, one of oldest of the world, preannounced the entrance of the Buddhism in Japan and culminated in the engraving on the petals of lotus of the pedestal of the Great Buddha Rushana of the Todaiji Temple.

Keywords: lotus flower, Buddhism, Japan, mythology, sculpture

Dentre os antigos mitos universais que ainda hoje nos impressionam pela sua criatividade autêntica em explicar aspectos da existência humana, aqueles que falam do universo são os mais fascinantes. Por mais que cientistas como Stephen Hawking¹ tentem nos explicar o universo, mito e ciência desafiam a sensibilidade humana. Quando, pela primeira vez, o ser humano olhou para o céu e se perguntou “onde universo está?” e outras questões existenciais subjacentes, iniciou-se uma jornada ainda muito longe de terminar. Porém, os “iluminados” viram a resposta e se fizeram outra pergunta, talvez mais difícil: “como explicar, com palavras, o que vi?” Uma antiga cultura concebeu uma resposta há milhares de anos atrás: “o universo é como uma flor de lótus” ou seja, tais enigmas sobre os enigmas da existência exigem um grande esforço de metodologia e interpretação irreduzíveis às concepções ocidentais, além do que não parece fácil, nem para

1. Uma referência ao livro HAWKING, Stephen. *O Universo numa Casca de Noz*. Trad. Ivo Korytowski. São Paulo: Arx, 2001.

os estudiosos japoneses, entender como os monges e artistas japoneses chegaram à sofisticada gravura das pétalas do Grande Buda de Nara.

No grande épico indiano Mahabarata², a iconografia hindu descreve o deus Vishnu (ヴィシュヌ), antes da criação, meditando sobre o universo enquanto reclinado sobre a serpente Ananta, ambos flutuando sobre uma “substância divina absoluta” Mas ele logo desperta desse sono místico e surge do seu umbigo um lótus dourado (*padma*), a deusa Lótus, a primeira aparição da vida³ sobre a imensidade neutra das Águas Primordiais. Essa flor é a forma icônica da esposa de Vishnu e representa o órgão sexual feminino arquetípico⁴. o princípio feminino universal com sua capacidade de perpetuação do próprio universo. A haste do lótus, portanto, representaria órgão sexual masculino. Conforme essa concepção, entre suas representações mais primitivas, o lótus aparece como assento ou pedestal de divindades femininas dos rios. Essas deusas, em forma de serpente ou espíritos da natureza, sobre a flor, estão em postura de profunda devoção e doação, pois os rios são vistos como fonte de manifestação da vida material como as Águas Primordiais.

No Bramanismo, porém, o primeiro deus que nasce do lótus é Brahma (jap., Bonten, 梵天), reinterpretando a deusa Lótus, então pré-ariana. Acima de Brahma, que começa a criar todas as coisas do universo, surge Indra (jap. Taishakuten, 帝釈天), que monta o seu elefante Airavata e Shiva e sua consorte, que cavalgam um touro. Segundo Zimmer⁵, o lótus era desconhecido dos invasores árias, mas foi retomado no período clássico tardio como a deusa Padma ou Lótus em um hino apócrifo anexado ao Rg Veda⁶, com seus dois nomes clássicos, Sri e Laksmi (“deusa da prosperidade, virtude, beleza, fortuna”) (jap., Kichijōten 吉祥天). Ela pode ser representada como flor ou ser humano e seu gesto característico é o do “lótus na mão” o que foi absorvido pelo budismo mahayana com o bosatsu Kannon (Padmapani “aquele que segura a flor de lótus em sua mão” ou

2. Compilação das antigas crenças e tradições do povo baharata ou hindu. “(...) na Índia a mitologia não é mero tema de pesquisa e estudo das coisas antigas; ela ainda permeia inteiramente a vida de seu povo, com uma influência controladora” Esta afirmação também se aplica na sociedade japonesa. In: COOMARASWAMY, Ananda K e Irmã Nivedita. *Mitos Hindus e Budistas*. São Paulo: Landy, 2002. pp. 14-5.

3. O botão de lótus como origem da manifestação é também um símbolo egípcio.

4. “A literatura galante chinesa – que alia, como se sabe, o gosto da metáfora a um profundo realismo – emprega a palavra lótus para designar expressamente a vulva, e o título mais lisonjeiro que se pode dar a uma cortesã é o lótus de ouro.” In: BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia*, pp. 538-9.

5. ZIMMER, Heinrich. *Mitos e Símbolos na Arte e Civilização da Índia*. Joseph Campbell (comp.), Trad. Carmen Fischer. São Paulo: Palas Athena, 1989, p. 77-85.

6. Vedas: as escrituras do bramanismo, não reconhecidas pelo budismo. (jap., *Beida*, T@-). “Os adeptos do bramanismo consideraram Buda como uma encarnação ilusória de Vishnu, assumida por ele a fim de induzir os Ashuras, adversários dos deuses, a abandonar os ensinamentos sagrados dos Vedas, graças ao que eles perderiam sua força e supremacia.” In: BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia*, p. 367.

Avalokitesvara). A flor de lótus na mão de Kannon e seu pedestal de lótus remon- tam ao seu caráter primitivo feminino apesar das suas representações iniciais como príncipe indiano.

No sincretismo com o budismo, a origem do universo se dá a partir do Buda Supremo Birushana e a deusa Lótus é reinterpretada como Prajna-Paramita (“a sabedoria transcendental dos Budas”), o aspecto feminino de Birushana de onde todos os Budas emanam. Portanto, no budismo, o lótus não representa so- mente a origem criadora do universo, mas a sabedoria pura que conduz ao nirvana.

Concentrando sabedoria e criação na flor de lótus, o budismo deu ao univer- so uma estrutura absoluta geométrica e hierárquica. Em outras palavras, a manifes- tação cósmica material obedece a uma estrutura subjacente de graus de iluminação. A representação artística disso tudo deve ter sido, no início da arte budista, um grande desafio. (Bi)rushana foi uma das primeiras divindades a chegar ao Japão. É o principal objeto de adoração do sutra *Kegon-kyō* (“*Sutra Guirlanda de Flores*”). Após o estabelecimento do budismo esotérico, Rushana é chamado de “Grande Sol”, *Dainichi*. Na escola Shingon, e em muitas escolas do budismo esotérico, Birushana é conhecido como Buda Dainichi Nyorai (大日如来), a personificação da Grande Idéia do Mundo, o Buda Primordial⁷ e o Buda que tudo abrange.

O Buda Birushana Nyorai (昆盧舍那) do Daibutsuden (大仏殿) do templo Tōdaiji (東大寺)⁸ é comumente chamado de Grande Buda de Nara⁹ Japão, cons- tituindo a Renge-mandara (蓮華曼荼羅), a mandala de Lótus ou a própria mandala *taizōkai*, em sânscrito, *Kusuma-tala-garbha-vyuhalamkaralokadhātu-samudra* e significa o mundo criado através dos votos e práticas do Buda Birushana e sua posição sobre uma grande flor de lótus de “mil pétalas” símbolo da sua pureza, soberania e sabedoria onipotente.

Birushana ou Rushana (sanc., *Vairocana* ou *Mahavairocana*), na escola Tendai, é considerado como o *hōsshin*¹⁰ do mundo cósmico. Suas imagens são

-
7. Esse Buda Primordial está além do mundo das formas transitórias, tendo apenas uma forma espiritual e por isso algumas escolas consideram errado tê-lo como objeto de veneração já que o próprio Buda havia banido tal forma de devoção.
 8. É a estátua de bronze mais alta do mundo com cerca de 1440 cm, identificada como Birushana, construída em 752, em Nara, a capital do Japão entre 710 e 794. Essa estátua sofreu vários danos em várias batalhas, mas sempre foi restaurada em seguida. O corpo da estátua foi restaurado em 1185 e os 5,3 metros da cabeça foram reconstruídos em 1692. Para abrigá-lo, o templo Tōdaiji se tornou a maior estrutura de madeira existente no mundo. A construção do templo atual ocorreu na metade do período Edo (1603~1868). Seus 57 metros de largura, 50 metros de comprimento e 48 metros de altura são somente dois-terços do tamanho original.
 9. O Grande Buda de Nara é às vezes confundido com o Grande Buda de Kamakura, que é representação de Amida Nyorai.
 10. *Hōsshin*: o corpo do mais alto aspecto do triplo corpo de Buda; a natureza absoluta da mente búdica, inefável, imanifesta e imponderável. No budismo tibetano é concebido como Sabedoria, que é a qualida- de espiritual mais alta e que agrega todas as perfeições.

menos numerosas do que as dos outros Budas. Ele representa a integração ou origem dos Cinco Budas da Sabedoria e habita sua Terra Pura, *Gandhavyuha*, no centro das mandalas. Em cada uma das 56 (simbolicamente mil) pétalas gigantes do pedestal de Birushana está gravada¹¹ uma figura de Shaka, que não pode ser vista do chão. Cada uma delas representa um cosmos com as encarnações de Birushana. Cada uma está sentada num pedestal com mil pétalas. Nesses universos paralelos, Gautama, que viveu neste mundo, é meramente um dos milhões de Budas. Esses vários Budas gravados formam uma espécie de diagrama (*zu*, 図) do universo (*sekai*, 世界)¹², e este se chama *Renge-zō-Sekai-zu* (蓮華藏世界図), “diagrama do mundo do lótus-tesouro”. O estudioso Nishimura Kōchō (西村公朝), não encontrando uma explicação exata nos sutras sobre essa gravura, fez uma interpretação baseada na “Mandala dos Dois Mundos” (*Ryōkai-mandara*, 兩界曼荼羅) do budismo esotérico (*mikkyō*, 密教) e na filosofia do “paraíso budista” ou Terra Pura (*Jōdo*, 淨土) que prosperaram no início e no fim do período Heian (794~1185) respectivamente.

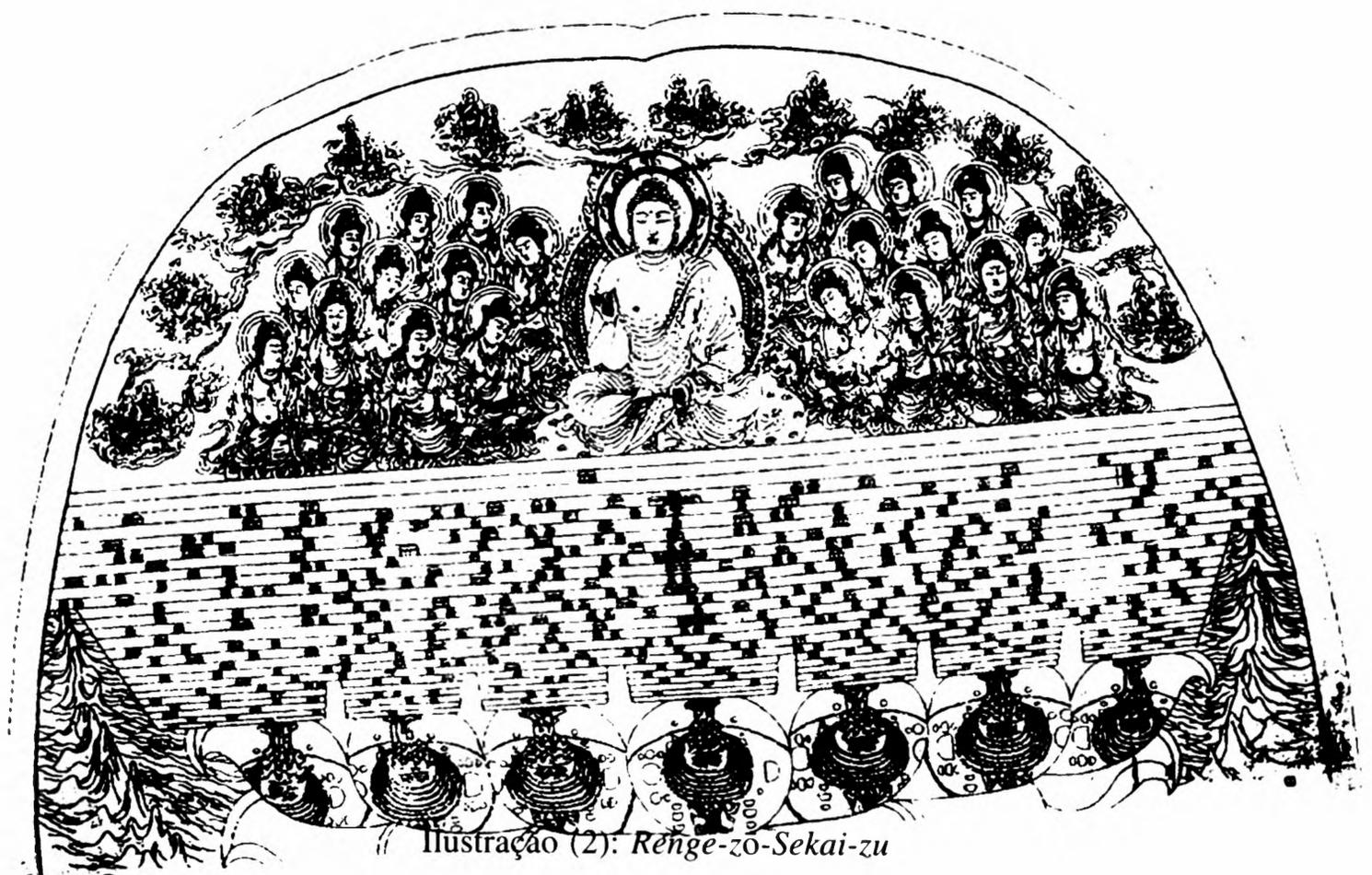


Ilustração (2): *Renge-zō-Sekai-zu*

11. *Kebori* é uma técnica de gravar com linhas muito finas desenhos e inscrições na superfície de um metal com um buril. Foi usado largamente nas pétalas do pedestal de lótus, na superfície de espelhos e nas imagens budistas. Um dos exemplos mais remotos está nas pétalas do pedestal descrito no texto.
12. "Universo" não é a tradução literal de "*sekai*", que significa "mundo". Porém, trata-se de uma interpretação adequada ao pensamento antigo. O ideograma *zō* (藏) também não significa "tesouro", mas uma vez que significa um "depósito de propriedades ou o que contém", é adequado e semelhante ao *zō* da *taizō* (胎藏): "o que se mantém" (*zō*, 藏) no útero, o próprio feto (*tai*, 胎) também traduzido como útero. É uma interpretação do sânscrito *garbha*, que relaciona o conceito de Águas Primordiais ao órgão reprodutor feminino. *Gharba* (*taizō*) originariamente está dentro da flor de lótus no *Sutra Guirlanda de Flores* (*Kegon-kyō*, 華嚴經) e construiu a imagem do universo do *Sutra do Grande Buda* (*Dainichi-kyō*, 大日經).

A Mandala dos Dois Mundos representa dois universos: o “mundo diamante, subjacente e eterno” (*Kongōkai*, 金剛界) e o “mundo uterino, da manifestação material e efêmero” (*Taizōkai*, 胎藏界) e se baseiam no budismo esotérico difundido pelos monges Kongōchi (金剛智) e Zenmui (善無畏) que no início do século VIII vieram da Índia para a China. Depois, o monge Kōbō-Daishi (Kūkai, 空海, 774~835) veio da China para o Japão trazendo uma cópia daquela mandala que começou a ser reproduzida pelos artistas japoneses. Não sabemos quase nada sobre estes artistas, além de que foram aprendizes dos artistas chineses e coreanos e formaram grupos especializados em arte budista, os *busshi* (仏師). Porém, até que ponto conheciam a doutrina budista ou se ao menos se baseavam estritamente nos sutras é uma questão praticamente insolúvel. O fato é que fizeram aqueles diagramas em 28 pétalas do pedestal e isso pressupõe um conhecimento do universo de Buda anterior ao budismo esotérico introduzido no Japão pelos monges Kōbō-Daishi e Dengyō-Daishi (Saichō, 最澄, 767~822).

Na gravura chamada *Renge-zō-Sekai-zu*, vendo de cima para baixo, há um Buda Nyorai¹³ cercado de vários Budas voando em nuvens. Essa visão em primeiro plano é aparentemente simples. De baixo para cima, primeiramente temos um grande oceano de Águas Primordiais e nele há uma grande flor de lótus que lá nasceu, cresceu e desabrochou. Dentro da flor, em seu miolo também se forma um oceano onde várias flores de lótus, do mesmo modo, surgem e desabrocham e, mais uma vez, sobre elas também há um oceano. Em cada flor e no meio de cada oceano formado há uma grande montanha central chamada Shumisen (須弥山) ou Sumeru. Cada montanha é o eixo de um universo manifesto e se identifica com a haste do lótus. Ao redor dessa montanha há sete cadeias circulares de ouro chamadas Shichikinzan (七金山) e entre elas sete mares de água perfumada, Kōzui (香水). Ao redor da sétima cadeia de montanhas há um mar de água salgada, Ensui (塩水), onde há quatro ilhas equidistantes. Cada uma dessas ilhas se chama Shumisenshū (須弥山洲), mas cada uma tem o seu nome particular. A do norte se chama Hokkurushū (北俱盧洲), a do sul Nansenbushū (南瞻部洲), a do leste Tōhabbodaishū (東弗婆提洲) e a do oeste Saigogeshū (西牛貨洲). Cada uma dessas ilhas é flanqueada por duas grandes ilhas e quinhentas pequenas ilhas. Circundando todas essas ilhas, há uma cadeia de montanhas de ferro chamada Tetsuizan (鉄圍山). O mundo dos humanos é o Nansenbushū. No sopé da montanha Shumisen moram dois Reis Dragões e em três níveis acima há os Palácios *Yasha* (Yasha-kyū, 夜叉宮). Mais acima há os Palácios d’Os Quatro Guardiões Celestiais, os *Shitennō* (四天王) e no topo há o Palácio *Tōriten* (忉利天) onde moram os trinta e três deuses liderados pela divindade *Taishakuten*. No “céu” do

13. *Nyorai* são os Budas que já passaram pelo nirvana e *bosatsu* são os Budas que adiam o nirvana.

Shumisen há o “céu do sol” (*nitten*, 日天) e o “céu da lua” (*gatten* 月天), normalmente representados numa mesma imagem como dois céus sobrepostos, ou na escultura como as estátuas dos *bosatsu* *Nitten* e *Gatten*.

Com essa quantidade de mundos, agora compreendidos como universos manifestos, e Budas em progressão geométrica, a gravura *Rengezō-Sekai-zu* foi uma maneira de representar tudo isso no plano da pétala ao lado do seu complemento, um Buda imenso sobre uma imensa flor de lótus com pétalas de universos que é a representação tridimensional daquele mesmo diagrama, esse cosmos budista, uma solução brilhante para representar um universo subjacente e fértil.

Outro modo foi pensar o Buda sobre a flor como o próprio desenvolvimento do fruto da flor, aqui se assemelhando ao surgimento de Brahma. Porém, o universo que surge de dentro da flor tem uma forma esférica. A concepção de que o universo seria esférico é uma suposição puramente contemplativa¹⁴. O universo surge da flor como um Fruto ou Ovo Primordial. Se o universo é esférico, a mandala *taizōkai*, que representa a manifestação do universo, é um diagrama que nasce de uma tentativa de colocar este universo esférico num plano. Vê-se que, simultaneamente, tinha que se pensar na representação em uma e em três dimensões, sem discutir a questão de qual surgiu primeiro na arte oriental. Então aquele “ovo” foi visto de cima, tomando como pólo o centro da flor até a extremidade das pétalas. A partir do pólo superior, o ovo ou fruto é cortado no sentido de oito pétalas até o pólo inferior. Embora seja difícil visualizar isso, acontece coisa semelhante ao nosso mapa-múndi, mas no caso do nosso planeta, o vemos em gomos laterais e não a partir dos pólos. No universo budista o pólo tomado como central é mais importante, pois é o centro secreto do universo, donde tudo se manifesta ou se expande, do universo subjacente para o universo material. A partir do centro os universos constituintes são dispostos de modo simétrico, mas a compreensão depende da contemplação da sua tridimensionalidade sugerida pela flor de lótus.

Essa relevância nos padrões da flor de lótus é intrigante. A sua mitologia é mais antiga do que a doutrina que a tornou mais sagrada do que ela já era e está entre os mais freqüentemente representados atributos e um dos mais importantes elementos da decoração budista. Flores de lótus decoram textos budistas, cerâmica, arquitetura, pinturas e esculturas e durante eras acumulou um considerável

14. Joseph Campbell (1904~1987), estudioso norte-americano de mitologia e religião comparativa, nos lembra da quantidade de símbolos circulares em diferentes culturas humanas, de modo que podemos tomar o círculo como um símbolo característico de nossa cultura universal. As imagens circulares refletem a nossa psique porque elas são continuamente experimentadas como forma (os astros celestes) e ciclos da natureza. Mandala é a palavra sânscrita para círculo. Fazer uma mandala pessoal é tentar descobrir o centro dos meus impulsos e tentar me harmonizar com o círculo universal. O lótus, com suas pétalas saindo do centro para a extremidade, serve de símbolo arquetípico.

simbolismo. Ao lado da complexa imagem humana do Nyorai, o lótus o expressa de uma maneira sintética. Nos sutras, há numerosas passagens proibindo a representação do Buda histórico na forma humana. Nos primeiros séculos do budismo, Gautama era representado indiretamente através de símbolos ou atributos metafísicos, pois no *Jataka* (jap.: *Honjōtan*, 本生譚)¹⁵, a “coletânea de contos sobre as vidas passadas de Buda” a figura de Buda não é representada diretamente. O pagode ou estupa (*tō*, 塔), um guarda-chuva real aberto sobre um assento vazio (*hōza*, 宝座), a árvore *bodhi* (*bodaiju*, 菩提樹), a roda da lei (*rinpō*, 輪法), um cavalo, uma flor de lótus e a suástica gravada “nas pegadas de Buda em pedra” (*bussoku-seki*, 仏足石) eram representados de acordo com o *Honjōtan* e foram objetos de adoração.

O Adi-Buda (o primeiro Buda) é manifestado como uma chama brotando de uma flor de lótus. Segundo a tradição, quando Gautama (o sétimo Buda) ergueu-se de seu assento sob a árvore Bodhi, depois de longa meditação que o libertou do domínio da vida e da morte, lótus miraculosos floresceram sob seus pés do mesmo modo como quando ele nasceu, já andando. Então, ele hesitou em ensinar a doutrina e decidiu fazer isso através de uma visão no qual viu os seres conscientes como muitos lótus. Alguns já se erguiam para a luz enquanto outros estão tão profundamente imersos nas ilusões do universo manifesto que não há esperança de se erguerem. Alguns estão pertos da superfície da água e precisaram apenas de um pouco de ajuda para vir para a luz. Então ele resolveu pregar a doutrina budista para trazer estes últimos ao estado de flor desabrochada. Como o lótus, cujo fruto está maduro no momento da flor abrir, a Verdade, pregada por Buda, produz imediatamente o fruto da iluminação.

Tal como os motivos de flor de lótus, quando se interroga sobre a gênese da escultura budista japonesa, pode-se ignorar o lento trabalho subterrâneo das primeiras sementes lançadas em terra nipônica, precursores da magnífica floração do século VII. É difícil datar quando a imagem do lótus chegou ao conhecimento dos artistas japoneses, mas possivelmente já estava completamente integrada ao budismo, considerando-se também a introdução do budismo antes da sua data oficial no século VI. Quando os monges budistas voltaram da China trazendo novos conhecimentos, entre eles a mandala *taizōkai* com a flor de lótus em seu centro, supõe-se que já teria um conhecimento do simbolismo da flor. Essa hipótese é reforçada por alguns indícios e pela introdução do Amidismo e sua crença

15. O fato de Shaka ter se desprendido de uma vida palaciana suntuosa e atingido o Nirvana na Índia não é considerado o resultado de um ascetismo de uma única vida, mas como resultado de várias eras, em muitas “encarnações anteriores” (*zengyō*). Por isso, criaram-se várias lendas maravilhosas para essas vidas anteriores de Shaka, que ultrapassam quinhentas e se chamam *Honjōtan* (*Jataka*, Seção do *Khuddhaka-Nikaya*). A representação dessas lendas é numerosa na Índia, mas no Japão, assim como na China, são notavelmente poucas.

na Terra Pura, para onde os devotos vão após a morte e transportados em flores de lótus. Esta escola entrou no Japão antes do budismo esotérico, embora tenha atingido seu auge no fim do período Heian. Para representar a Terra Pura em miniatura¹⁶, um lago com flores de lótus foi freqüentemente criado dentro dos templos, pois naquele paraíso há um lago com lótus onde as almas dos devotos renascem¹⁷. Os mais virtuosos renascem em lótus aberto e podem ser imediatamente receber a ajuda de Amida para atingir a iluminação. Os menos virtuosos surgem como lótus fechados, e devem esperar até que a flor desabroche para receber o auxílio. Esta é aquela identificação da flor de lótus com os seres conscientes feita pelo Buda histórico Gautama de cujo lótus é o lótus rosa, o lótus supremo. Em sânscrito, Amida, outro Buda *nyorai* como Gautama, habita o lado oeste da Terra Pura, *Sukhavati*, do “Sublime Contentamento”¹⁸, acompanhado de inúmeros discípulos e divindades *bosatsu*. *Amida* significa que sua luz se irradia, como as pétalas de uma flor, por todos os mundos em todas as direções infinitamente e personifica a sabedoria primordial. Ele é representado na “posição de lótus” (*kekkaфуza*, 結跏趺座), que representa um estado de absoluta tranqüilidade, pois seu símbolo é a flor de lótus.

A Tríade formada por Amida e seus auxiliares *bosatsu* Kannon e Seishi visita esse mundo para levar os crentes falecidos para a Terra Pura em um pedestal de lótus que Kannon segura. Essa tríade é conhecida como Amida Sanzon, mas, pelo seu significado religioso, é denominada Tríade Raigō (*Sanzon Raigō*), “a tríade que dá ‘boas-vindas’ ao paraíso de Amida”. Algumas pessoas que conseguiram renascer na Terra Pura são mostradas, como *Keshō Bosatsu*, na Lagoa de Lótus. Isso também reflete a crença de que uma flor de lótus, do mesmo modo, só desabrocha na Terra depois de ter nascido no mundo espiritual.

A Tríade Amida, estátuas do Salão Dourado do templo Hōryūji, que depois recebeu o nome de Budas Votivos da Dama Tachibana (*Tachibana bunin-no zushi* 橘夫人厨子), é um exemplo refinado da arte do período Hakuho (645~710). Cada figura está sentada sobre uma flor de lótus florescendo nas águas ondulan-

16. O lago artificial e o cultivo de lótus tornam-se elementos arquitetônicos e decorativos essenciais da concepção de espaço destinado à contemplação, assim como os jardins de *bonsai* e de pedras no zen-budismo.

17. *Regekeshō*: em sentido figurado, é renascer no Paraíso Terra Pura (*Gokurakujōdo*, 極楽浄土) sobre um pedestal de lótus cheio de luz, um tipo de aparição ou *regekeshō* (蓮華化生). A transformação do coração de um homem comum (*bonbu*, 凡夫), que se preocupava demais com as coisas mundanas (*bonnō*, 煩惱), pode ser representado pelo *keshō* (Su) quando passa a acreditar na sabedoria da Buda e atinge a iluminação. No *Sutra de Amida Nyorai* (Muryōju-kyō, 無量寿経) há dois tipos de renascimento na Terra Pura: *keshō* e *taishō* (胎生). No *taishō*, aquele que com o coração ainda duvidoso sobrevive, renasce num palácio, mas num lugar muito remoto. Permanece dentro do palácio e não pode ver Buda. Isso é chamado de *gijōtaigu* (疑城胎宮).

18. Sânsc., *buddha-kshetra*; chinês, *ching-t'u*; jap., *jōdo*. *Sukhavati* é, entre trilhões de mundos de Budas e *Bosatsu*, o nome do “planeta” de Amida Nyorai ou Muryōju Butsu.

tes do Lago da Ablução. Os relevos do retábulo mostram uma cena do sutra *Muryōju-kyō* (無量壽經, “Sutra de Amida Nyorai”), na qual os devotos, sentados com suas pernas dobradas, estariam renascendo como *bosatsu* em flores de lótus, enquanto Budas se enfileiram acima. Esse trabalho é um típico *jōdohen* (representação da Terra pura de Amida) na escultura. Também Genshin (源信, 942~1017), monge da escola Tendai, considerava a visualização de Amida e da Terra Pura superior às orações e em 985, escreveu o tratado sobre a “*Essência para Ir Nascer na Terra Pura*” (*Ojōyōshū*, 往生要集), onde descreve tal tríade buscando o devoto que é como um homem cego que subitamente recobra a sua visão e se encontra rodeado por rios luminosos e jóias brilhantes. Amida está sentado numa flor de lótus, centro de toda a glória, e rodeado por seus auxiliares.

Assim os indícios se dividem em pinturas, como nas mandalas, em escultura, nos pedestais, na literatura, sutras e outros, e no próprio cultivo da planta em si. Os primeiros indícios, porém, estão em algumas urnas funerárias do Japão.

Nas investigações de François Berthier¹⁹ sobre as primeiras formas budistas que penetraram no Japão, ele confirma a penetração delas no universo particularmente fechado das crenças funerárias inspiradas diretamente pelos desenhos das telhas e decoração dos tetos dos mosteiros japoneses dos períodos Asuka (552~646) e Hakuho, portanto não anterior à introdução oficial da religião continental no séc. VI. Como exemplo, ele cita alguns *kofun* (túmulos) – como os de Midoro (Nara) e de Honbō-yama (Okayama) – nos quais algumas flores decoram as urnas funerárias em baixo relevo²⁰. Entretanto, os *kofun*²¹ de Kyūshū apresenta o curioso *sōkyakurinmon* (双脚輪文) ou “motivo arredondado com pé duplo”, uma forma alterada dos motivos de flor de lótus que enfeitam diversas sepulturas em Koguryō (antiga região setentrional da Coreia), mas isso ainda é questionável, pois as figuras que decoram os espelhos budistas continuam a ser símbolos mágicos sem relação com a religião continental.

Na mandala Taizōkai (*Taizōkai-mandara*²²), Buda Dainichi está no centro de todas as suas manifestações físicas arranjadas em vários grupos. No seu centro

19 BERTHIER, François. *Genèse de la Sculpture Bouddhique Japonaise*. France: Publications Orientalistes de France, 1979, pp. 23~25.

20. Algumas tumbas de faraós também possuem ornamentos de lótus esculpidos e pintados, pois o lótus pertence ao mundo dos deuses e também está relacionado ao mito da criação egípcio, semelhante ao hindu.

21. Propriamente, o período Kofun (300~646), conhecido pelos seus imensos túmulos, como aqueles em “forma de fechadura”. Os túmulos mais famosos são dos imperadores Ōjin (r. 269~310) e Nintoku (r. 310~399), ambos em Ōsaka.

22. Em *taizōkai*, *taizō* significa “tudo incluso” ou “produtividade”. Mandala *taizō* é a forma correta de se chamar essa mandala, porém se chama *taizōkai*, porque é um nome colocado ao lado de *kongōkai*. Implica que a iluminação universal é o princípio básico e criador de todos os fenômenos. Como visto, *taizō* é comparada à flor de lótus ou ao útero ou ventre de uma mulher. É também o útero do mundo do qual emergiram todas as coisas e a força construtiva da “imensa luz infinita” (*muryōkō*, 無量光).

há o *chūdaihachiyō-in* (中台八葉院), um “pedestal” ou fundo central em forma de flor de lótus de oito pétalas, com apenas Dainichi Nyorai no quadrado central (*shinnyo*)²³, mais onze setores retangulares com várias divindades budistas arranjadas em hierárquica à medida que se afastam do centro. Hōtō Nyorai, Kaifukēō Nyorai, Muryōju Nyorai²⁴ e Tenkuraion Nyorai estão sentados nas pétalas da flor de lótus nas quatro direções. As oito pétalas confirmam a sua relação com a Roda do Dharma de oito raios, os oito caminhos as oito direções do espaço. Assim, da flor emana não só todos os Budas, mas todas as leis espirituais e físicas para a evolução de todos os seres do universo, isto é, foi realmente uma tentativa temática de organizar o universo sob leis espirituais baseadas na depuração espiritual.

O lótus, enquanto um dos Oito Símbolos Auspiciosos do budismo, representa essa pureza ou o crescimento espiritual da potencialidade búdica por momentos adormecida ou não-manifesta, como o antes da criação do universo. Assim, o lótus abre a sua flor bela e pura “não contagiada pelas impurezas do mundo” (*deinakade somaranai*, 泥中で染まらない) e exprime metaforicamente o significado do budismo, “libertando-se” (*gedatsu*, 解脱) dos “apetites mundanos” (*bonnō*, 煩惱) e se dispendo para o nirvana (jap., *nehan*, 涅槃). No capítulo 5, verso 10 da escritura indiana *Bagavad-gita* está escrito: “Aquele que executa o seu dever sem apego, entregando os resultados ao Senhor Supremo, não é afetado pela ação pecaminosa, assim como a folha de lótus não é tocada pela água”. Esse estado de pureza mental total e perfeição espiritual, ou *bodhi* é, às vezes, representado como um lótus branco na mandala *Taizōkai*. Esse lótus como símbolo do Mundo Matriz (*taizōkai*) aparece no mantra “*om mani padme hum*” (“ó jóia preciosa do lótus”): no qual o lótus (*padma*) representa o elemento material (*taizōkai*) e a jóia (*mani*) o elemento espiritual (*kongōkai*). O mesmo é verdade do lótus num vaso (= *kongōkai*), onde o lótus e o vaso representam a união dos elementos material e espiritual, conseqüentemente, feminino e masculino. Essa discussão dos gêneros é retomada adiante.

Os ensinamentos dos sutras *Hōkke-kyō* (法華經, “Sutra de Lótus”) e *Kegon-kyō* (華嚴經, “Sutra Guirlanda de Flores”) do budismo esotérico relacionam o mundo *taizōkai* (胎藏界) com a alma inata de todas as coisas vivas. O nome original do sutra *Hōkke-kyō* é *Saddharma pundarika* que significa o “Ensino da Verdade Correta” (*myōhō*, 妙法) pelo Grande Lótus Branco (*Daihakurenge*, 大白蓮華). O universo do sutra *Kegon-kyō* é o *Rengezō Shōgon Sekaikai* (蓮華藏莊嚴世界海) que significa um universo como um conjunto de

23. *Shinnyo*: a verdadeira forma das coisas, a realidade oculta e essencial da qual depende todo o mundo fenomênico.

24. *Muryōju-butsu* (無量寿仏): “O Buda da Luz Incessante” um epíteto de Amida. Na escola Shingon, esse nome é usado na *taizōkai*, e o nome Amida, na mandala *kongōkai*.

shōgon (莊嚴, “elementos decorativos”) sobre o *daizō* (台藏, “pedestal”) de uma flor de lótus imensa como o oceano, visto acima nas pétalas do pedestal do Grande Buda de Nara.

O lótus foi primeiro mencionado no *Kojiki*²⁵. Sua flor tem sido apreciada desde tempos antigos e muitas variedades foram cultivadas durante o período Edo (1600~1868).

Como a aristocracia japonesa financiou a arte budista em seu desenvolvimento e propagação pelo Japão, em nome daquela soberania, a flor de lótus deve ser vista, como as imagens budistas, mais um elemento que legitima o seu domínio e sua ascensão sem se desprender das coisas materiais e dos deveres sociais. Alguns aspectos do lótus serviram àquele propósito. A rigidez de sua haste e a perfeição da flor foram associadas à firmeza, soberania e prosperidade. A abundância de sementes capazes de germinar após séculos, posteridade numerosa e eternidade. Quando duas flores brotam de uma mesma haste, a harmonia conjugal. A flor de lótus simbolizava refinamento, riqueza, mas também entrava no estimado conceito de *aware*, uma melancolia causada pela efemeridade das coisas, sob a influência do pensamento budista, além da sua comparação com a própria existência humana e da passagem do tempo. Passado, presente e futuro são respectivamente os três estados da planta: botão, flor desabrochada e sementes. Essa interpretação comprovadamente pragmática e poética sobre o budismo naturalmente se estendeu para a concepção do universo.

Na escultura, o lótus serve de trono para sustentar uma imagem ou estátua de homens santos, os Buda, os *bosatsu*. É um emblema das qualidades budistas e simboliza a autoridade da Lei (Dharma) e, mais particularmente, a soberania de sua origem divina e do perfeito estado espiritual do personagem representado, ou a da Lei.

Sendo uma flor que nasce em lagos, é representada de duas maneiras. Como um pedestal unido a um talo que se ergue da lama abaixo, particularmente em desenhos de Amida, ou apenas uma flor cortada colocada num vaso ou nas mãos. Na escultura budista há muitos tipos de pedestais (*daiza*, 台座) e o do tipo de lótus (*rengeza*, 蓮華座) é o mais comum para a maior parte das estátuas. Também se chama *rendai* (蓮台) ou *rengetai* (蓮華台) ou *hasu-no-utena* (蓮の台). É um estilo que imita a forma de uma flor de lótus aberta. Isso sofreu várias mudanças, partindo de algo simples para algo suntuoso. Há três tipos básicos de *rengeza* segundo a quantidade de camadas: *gojūza* (cinco camadas) para as estátuas eretas

25. *Kojiki* (“Registro de Coisas Antigas”. 712), é a fonte mais importante de teologia xintoísta, que narra a origem divina dos imperadores. Nesta obra, a geração espontânea dos deuses é mais próxima das plantas e serve à mitologia. Dentre suas características biológicas metaforizadas do lótus além da sua pureza, a sua capacidade reproduzir de sua própria matriz, mais do que no solo, é um símbolo de geração espontânea (*svayambhu*).

e *shichijūza* (sete camadas) e *kyūjūza* (nove camadas) para as estátuas sentadas. Como trono o lótus tem a vantagem de que pode ser alargado, é adaptável às estátuas de diferentes dimensões. Pela simetria e plenitude estática, as estátuas de Buda se aproximam da forma do lótus como geradora de padrões circulares ou arredondados e expansivos como ondas ou raios. Há a associação harmônica entre pedestal de lótus e postura de lótus. Há duas posturas: *kekkaфуza* (結跏趺座) e *hankaza* (半跏座). *Kekkaфуza* é posição de lótus completa para se sentar num pedestal de flor de lótus, sendo que o nome do pedestal pode ser tomado também como nome da postura. É comum em imagens Nyorai. São estátuas sentadas com as pernas cruzadas, com o peito de cada pé apoiado sobre a coxa oposta. A forma triangular construída pelos volumes corporais e os joelhos planos sugerem a forma de uma estupa. *Hankaza* é a meia posição de lótus. Coloca-se apenas um pé sobre a coxa oposta. Há dois tipos de *hankaza*. Quando a perna direita está em cima da coxa esquerda²⁶, chama-se *Kisshō* ou *Kichijōza* (吉祥座), atitude de oração, e quando a perna esquerda está em cima da coxa direita, chama-se *Gōmaza* (降魔座), atitude de subjugação dos demônios.

Voltando ao pedestal de lótus, em geral, o *rengeza* é constituído pelas seguintes partes. O tálamo da flor (*renniku*, 簾肉) é circundado por pétalas (*kayō*, 荷葉), para formar o (*renben*, 蓮弁), unidas com encaixes (*ashi-hozo*, 足柄) ou esculpidas junto com o tálamo. *Tanben* (単弁) são pétalas simples e *fukuben* (複弁) são pétalas duplas. Há dois métodos de aplicação das pétalas na base do pedestal: *gyorinbuki* (魚鱗葺) e *fukiyoseshiki* (吹寄式). No primeiro método, as pétalas de lótus são sobrepostas em camadas como se fossem escamas de peixe, usado mais nos períodos Nara (710~794) e Kamakura (1185~1333). No segundo método, as pétalas são colocadas em cima da outra, em fileiras verticais retas, método usado principalmente no período Heian (794-1185).

Kaeribana (反花) é o pedestal de lótus invertido²⁷ mostrando uma protuberância chamada *kurumi-gata*, forma de noqueira. *Kamachiza* (框座) é a base de madeira que forma a parte mais baixa do pedestal. Pode ser de um, dois ou três degraus. No de dois degraus, o inferior se chama *shita-kamachiza* (下框座) e o superior *ue-kamachiza* (上框座). Nele pode haver “ondas provocadas por uma brisa e plantas aquáticas flutuando nessa superfície” Nuvens e a flor *hōsōge* (宝相華) também podem substituir essa imagem de lago de onde o grande lótus está surgindo. De qualquer modo o *kamachiza* é sempre a superfície da água

26. Colocar o direito sobre o esquerdo simboliza que os seres desse mundo estão dentro do mundo de Buda e que também o mundo de Buda toma refúgio nesse mundo.

27. Como o lírio às vezes substitui o lótus, no *kayōza* (荷葉座) o pedestal é simplesmente uma folha de lótus ou lírio invertida, ou seja, significa que nessa posição seu centro fica levemente erguido. É normalmente usada pelos Deuses Celestiais (*Tenbu*, 天部), mas pode ser encontrada nas imagens do nascimento de Buda.

e foi feito de várias formas como de 4, 6, 8 lados e redondo. De cinco lados é raro, mas também representa uma expansão desse oceano para o infinito em todas as direções.

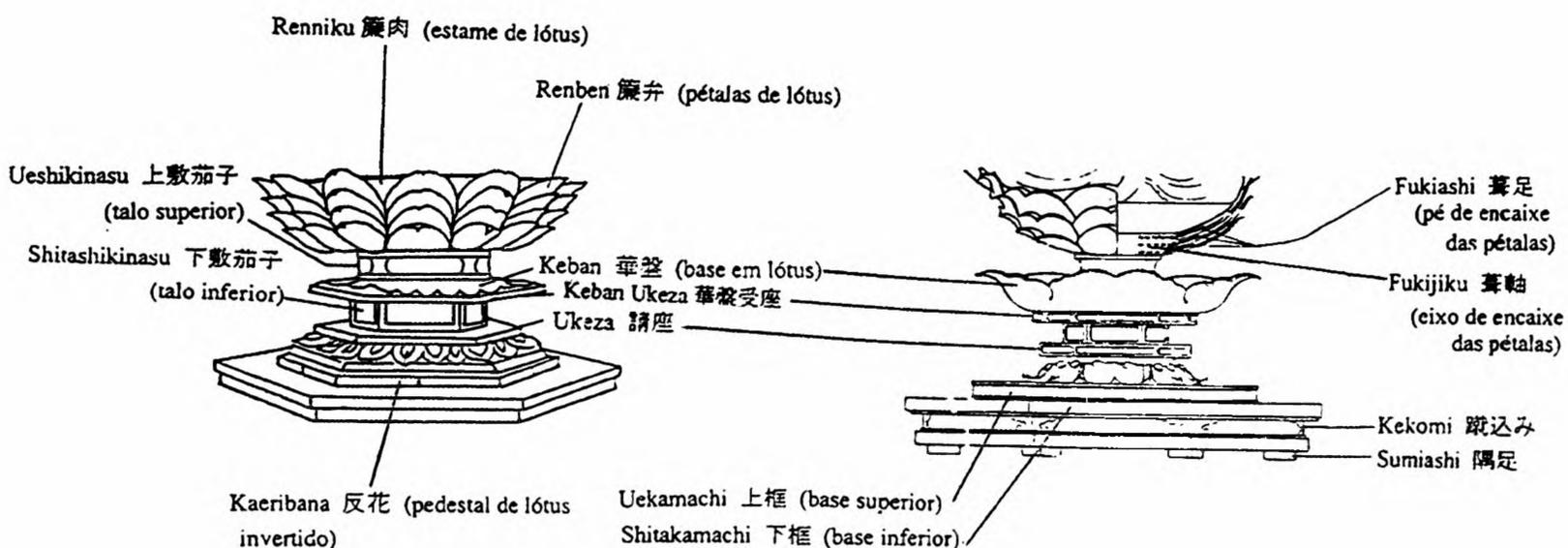


Ilustração (2): Típico Pedestal de Lótus

Kegomi-tsuki-kamachiza (蹴込み付框座) ou simplesmente *kegomi* (蹴込み) são os pequenos pés que erguem o *kamachiza* do chão. *Shikinasu* (敷茄子) é uma parte do *rengeza* entre o *keban* e o *kaeribana* e está na forma de uma esfera parcialmente espremida, como uma berinjela (*nasu*). Quando há dois, superior e inferior, chamam-se respectivamente *ue-shikinasu* (上敷茄子) ou *tsuka* (束) e *shita-shikinasu* (下敷茄子) que é o vaso (*suibyō*, 水瓶). *Ukebana* (受花) ou *keban* (華盤) é uma parte do pedestal na forma de uma travessa com forma de flor de lótus aberta de seis ou oito pétalas. Normalmente é colocada entre os *shikinasu* superior e inferior. *Ukeza* (受座) é uma parte do pedestal de lótus situado acima do *kaeribana*, sustentando a parte mais baixa do *shikinasu* ou *keban*. A forma, correspondendo à forma do *kaeribana*, pode ser redonda, hexagonal ou octogonal.

A partir do *rengeza*, outros pedestais podem ser classificados como suas variações. *Hōbyō-rengeza* (法瓶蓮華座) é um pedestal em forma de flor de lótus sobre o frasco sagrado, *hōbyō* (法瓶). *Hōgu-rengeza* (法具蓮華座) é um pedestal decorado com os instrumentos esotéricos. Tem na face superior uma flor de lótus de oito pétalas e na base a forma *sanmaya* (三昧耶, conjunto de instrumentos simbólicos da mandala kongōkai).

Daibutsuza (大仏座) é um pedestal com a metade superior e inferior como uma flor de lótus respectivamente voltada para cima e para baixo, nesse caso o *kaeribana*. Sua estabilidade é adequada para estátuas grandes como o Grande Buda do templo Tōdaiji, mas há outros exemplos nas estátuas eretas de *bosatsu* do período Hakuho (645~710).

Fumiwake-rengeza (踏割蓮華座) é quando cada pé está pisando uma pequena flor. Neste caso, as imagens estão de pé e expressam algum movimento.

Embora a flor de lótus seja a mais famosa, é possível que outras flores ou motivos florais sejam tomadas como lótus. Por exemplo, uma flor lendária chamada *udonge* (*udumbara*), que floresce a cada três mil anos. Em cerca do século VI, galhos de salgueiro, no vaso ou na mão, podem substituir o lótus. No Japão, durante o reinado Suiko (r. 592~628), este mesmo ramo de salgueiro testemunha a continuidade deste uso importado da China Sui (581~618). O *karakusa* é um termo que se refere aos desenhos introduzidos da China, e indicam um tipo de videira chamado *umagoyashi*, entrelaçados como as videiras comuns. Também pode ser chamado de *budō-karakusa* (de uvas), *renge-karakusa* (de lótus). Tais motivos foram usados em antigas eras da Grécia, Roma, Índia e através da Ásia. O *hōsōge-karakusa* ou *hōsōgemon*, modelos de palmeira que se diz nascer na Terra Pura, foi um modelo que continuou do período Nara (710~794) até Heian (794~1185). Esse desenho foi muito usado na China Tang (618~907) e consiste de talos estendidos de uma flor para criar outra flor sucessivamente, do mesmo modo como foi pensado sobre a criação do universo de uma flor de lótus.

Na China e no Japão, para as divindades que carregam essas flores em sua mãos ou em um vaso, o botão de lótus é a forma mais comum.

A imagem da divindade Kannon normalmente segura um lótus nas mãos. Quando a divindade tem um lótus em uma mão, a outra pode segurar um vaso ou fazer um mudra (gesto simbólico com as mãos). Dentre as teorias explicando o gênero de Kannon, uma delas defende que a flor de lótus simboliza o sexo feminino e de fato, muitas imagens Kannon possuem uma beleza feminina, normalmente no leste asiático. Pode ser uma influência da primitiva Deusa Terra. De qualquer modo, existe uma relação entre Kannon e o lótus enquanto alegoria ao órgão reprodutor feminino *in* (陰)²⁸, assim como várias outras associações, por exemplo, quando um *kongōsho*²⁹ (*vajra*) está sobre a flor, algo frequentemente encontrado, isto simboliza a união do masculino e do feminino.

28. As simbologias dos gêneros, na mitologia, sempre seguiram crenças dualísticas inseparáveis. *In'yō* (陰陽) ou *yin'yang* significam, respectivamente, os princípios feminino e masculino no Taoísmo. O feminino é o passivo/negativo e relacionado à lua, à escuridão e à terra. O masculino é o ativo/positivo e relacionado ao sol, à claridade e ao céu. Se tomarmos como paradigma o lado em que os auxiliares estão nas tríades, cada lado compartilha uma característica comum. Os *bosatsu* da esquerda compartilham simpatia e emoção e os do lado direito, o intelecto e a racionalidade. Estudiosos consideram os auxiliares da esquerda como femininos e os da direita, masculinos, e desenvolveram uma teoria etnológica de concepções contrastantes da direita e da esquerda, remetendo-nos às concepções taoístas de positivo-negativo que, sem dúvida, também fazem parte do budismo esotérico. A imagem central seria o equilíbrio dessas duas forças.

29. *Kongōsho*: “pilão de diamante” ou “machado do trovão” É uma antiga arma indo-ariana, *vajra*, com dentes curvados nas duas extremidades. É um dos principais símbolos do budismo Vajrayana, “o diamante indestrutível”, o mesmo nome dado à poderosa arma de cem pontas da divindade hindu Indra.

O lótus também é o atributo de muitas outras divindades considerando que o panteão budista é em sua maior parte de origem hindu. No início da produção de imagens, uma flor de lótus de quatro pétalas representava os quatro grandes territórios conhecidos na época: Índia, China, Ásia Central e Iran.

A flor de lótus ou flor de loto, enquanto vegetal, é uma planta aquática perene, de folhas orbiculares³⁰ da família das Nelumbonaceae e da espécie *Nelumbo nucifera* que brota no fundo dos pântanos, lagos, açudes e arrozais. É conhecido pelos nomes Lótus Sagrado, Lótus Vermelho, Lótus Indiano, e Lírio d'água Sagrado. Pode ser que do Egito, o lótus foi transportado para a Pérsia, Índia e Japão. É a flor nacional da Índia, sendo sagrada na arte e na mitologia indiana desde tempos imemoriais. Ele é cultivado não só por seu rizoma (*renkon*) e sementes comestíveis³¹, mas também por suas grandes flores ornamentais (cerca de 20 cm de diâmetro) que florescem sobre a superfície da água e são estimadas por sua beleza imaculada, sobretudo o lótus branco, e pelo seu perfume. Essa planta possui dois mecanismos peculiares: o de repelir microorganismos (folhas autolimpantes) e o de manter a sua temperatura em torno de 35 graus (auto-regulação de calor). Em algumas variedades flores múltiplas se abrem de uma simples haste. As flores abertas permanecem por quatro dias, abrindo a cada dia e se fechando ao final da tarde. O seu fruto tem uma forma oval e seu receptáculo contém as sementes, parecido com uma colméia. As sementes têm longa vida e acredita-se ser de mais de dois mil anos algumas sementes descobertas ainda com capacidade de germinação. Enfim, a planta também é consumida por suas qualidades terapêuticas.

Em sânscrito, lótus é *padma*, em chinês *lien-hua* e em japonês se chama *rengé* (蓮華) ou *hasu-no hana* (蓮の花). É muito próximo do lírio d'água³² (*suiren*, 睡蓮) da família das Nymphaeaceae (ninfeáceas, como a vitória-régia) com cerca de 50 espécies (com nome de lótus, o que gera confusão), mas as pétalas destas são mais elíptica e são plantas nativas do sudeste da Ásia, sobretudo Japão, Filipinas e Índia. Há cinco tipos de lótus. Na Índia, elas foram divididas em dois grandes grupos, *padma* (パドマ): *pundarika* (プンダリカ), e *utpala* (ウトパラ): *kumuda* (クムダ) e *nilotpala* (ニロトウパラ). *Padma*, *uptala* e *kumuda* são vermelhas ou brancas. *Pundarika* é branca (no mito, dourada) e *nilopala*, azul. Porém, a classificação por cores normalmente não é exata e também se confundem com os lírios d'água. Portanto, se as dividirmos em cores, as flores podem ser divididas em três grupos principais: o lótus vermelho com as pétalas arredondadas, o lótus azul com as pétalas pontudas, e o lótus branco. Estes lótus podem

30. As de pétalas arredondadas são normalmente encontradas na China e no Japão.

31. Na Odisséia de Homero, Ulisses e sua tripulação desembarcam na ilha dos comedores de lótus.

32. *Suiren*: nenúfar, o golfeão, ninféia.

tomar formas diferentes. Os lótus *padma* e *pundarika* são os mais típicos e quando dizemos *renge*, normalmente estamos nos referindo a eles. *Kaifurengenge* (開敷蓮華) é o lótus totalmente aberto. *Mifurengenge* (未敷蓮華) é o lótus fechado. *Shokatsurengenge* é a flor começando a abrir. Três hastes simbolizam três divisões da mandala *kongōkai* (Birushana, Lótus e Vajra) e as três virtudes de Buda (obra, fala, pensamento). Cinco hastes simbolizam cinco sabedorias.

Para *padma* há as formas de escrever³³ *hadomake* ou *hazumake* (鉢頭摩華), *hattokubō* (鉢特忙), *hadonma* (波曇摩), *hatsudonma* (鉢曇摩), *hatsutokuma* (鉢特摩), *hazuma* (波頭摩), 鉢弩摩, 鉢納摩, 波曇, 波慕. Esse primeiro grupo se traduz em lótus vermelho (*shakurengenge*, 赤蓮華), lótus carmesim (*gurengenge*, 紅蓮華), lótus amarelo (黃蓮華), lótus vermelho e amarelo (赤黃蓮華) e lótus púrpura (*shirengenge*, 紫蓮華). Talvez o de cor amarela seja a verdadeiro *padma*, mas como o Buda e o *hossō* (法性)³⁴ são metaforizados pelo *padma*, e também os sutras *hige-kyō* (悲華經) e o de Lótus (*Myōhōrenge-kyō*, 妙法蓮華經) tomam como seus tópicos este lótus, é comum apontá-lo como lótus vermelho³⁵ (*Nymphaea rubra*), normalmente representada completamente aberta com o miolo exposto, pois é o emblema solar e símbolo também da prosperidade e da natureza original do coração, do amor e da paixão. O lótus aberto vermelho representa o coração aberto em compaixão por todos os seres vivos que ainda dormem na ilusão. Naturalmente *padma*, representa um coração humano com todas as virtudes de Buda na forma latente. É também um dos sinais dos pés de Buda. No centro da mandala *taizōkai* há uma flor de lótus vermelha ou branca com oito pétalas. É o lótus de Kannon. *Pundarika* é escrito como *fundarika* (芬陀利華), *bunchari* (分荼利), *hondarika* (本拏哩迦). 芬陀利迦, 分荼利迦 É traduzido como lótus branco (*Nymphaea alba*) (*byakurengenge*, 白蓮華), “flor de cem pétalas” (*hyakuyōke*, 百葉華³⁶) e “flor do amor maravilhoso” (*myōkōke*, 妙好華) ou “flor do desejo entre pessoas” (*hitonakakōke*, 人中好華)³⁷. É também chamada de “flor rara” (*keuke*, 希有華), segundo a lenda

33. Essas leituras, em sua maior parte, advêm de uma aproximação fonética do som do ideograma com o som em sânscrito. Porém, alguns ideogramas não são casuais, como *hatsu* (鉢) que significa a tigela de arroz de monges budistas. *Takuhatsu* (托鉢) é a mendicância do monge. *Ihatsu* (衣鉢) representa a sobrepeliz e a tigela que o discípulo recebe do seu mestre simbolizando sua iniciação nos segredos do budismo. Considerando-se esse caráter oculto do budismo esotérico, alguns ideogramas sempre terão alguma referência budista. *Ihatsu* também significa os mistérios do budismo ou de uma arte. A expressão “*ihatsu o tsugu*” (衣鉢を継ぐ) significa “ter os mistérios da arte de um mestre divididas com alguém.”

34. Hosshō é a natureza real do mundo fenomênico.

35. O lótus vermelho do inferno (*guren jigoku*, 紅蓮地獄) da sétima das oito regiões do inferno onde a pele dos condenados se dilaceram com o frio e explodem em pústulas vermelhas como um botão de lótus vermelho.

36. possivelmente o lótus carmesim

37. Ouro lótus com temática semelhante é o *saugandhika* que se escreve *shukendaike* (須乾提華 e 搔撻提迦 significa “flor com o perfume do amor” (*kōkōke*,). Pode ser de cor vermelha ou de cor branca.

de que ele nasce em *anavatapata* ou *anokudatchi* (阿耨達池), o lago imaginário, ao norte das montanhas sempre nevadas, que banha a Índia, considerada Enbushū (閻浮洲), uma das ilhas ao redor da montanha Shumisen (citado). O lótus branco é um lírio d'água semelhante ao lírio d'água Branco Egípcio.

Para *utpala* há as formas de escrever *uhatsurake* ou *uparake* (優鉢羅華), 烏鉢羅, 喞鉢羅, 漚鉢羅, 優鉢, 烏怛鉢羅, 優蓋羅, e pode se traduzir como lótus carmesim, lótus azul (*Nymphaea caerulea*) ou flor *mayuzumihana* (黛花). Também é chamado de Lótus Egípcio Azul. Pode ser representado com todas as pétalas em pé ou com várias fileiras de pétalas externas curvadas para baixo e miolo sempre escondido. É a personificação da sabedoria perfeita. Esse segundo grupo é o *hitsujigusa* ou *suiren* (睡蓮), mas estes são lírios d'água. O de cor azul³⁸ (*Nymphaea cyanea*) é o *nilotpala* cujas formas de escrever são *niraupara* (尼羅烏鉢羅) e *niropara* (泥盧鉢羅). No sutra, os olhos e o hálito de Buda são metaforizados com a delicadeza e perfume desse lótus³⁹. É também um atributo de uma das 40 mãos do lado direito de Kannon Bosatsu, sendo esta mão chamada de “mão do lótus azul” (*seirengeshu*, 青蓮華手). Outro tipo é *kumuda* cujas formas de escrever são *kumotsuzuke* (狗物頭華), *kumochizu* (俱勿頭), *kumonra* (句文羅), *kumoda* (狗母陀), *kumuna* (狗牟那), 狗牟頭, 俱物頭. São lótus que se traduzem como lírio d'água branco e carmesim, lótus branco 地喜花. É comum ser tomado com duas cores, vermelho e branco ou azul e amarelo. O lótus azul foi considerado o mais sagrado no país dos faraós.

A quantidade de pétalas de cada lótus distingue, no simbolismo tântrico, os sete centros sutis do ser, relacionados aos plexos nervosos e glândulas, figurados como lótus de 4, 6, 10, 12, 16, 20 e 1000 pétalas. O lótus de mil pétalas significa a totalidade da revelação do conhecimento espiritual supremo, o que tem relação com a cabeça de Buda que normalmente parece estar coberta com essas mil péta-

38. No sexto nível das “oito regiões frias do inferno” budista (八寒地地獄) existe o lótus *uparajigoku* (喞鉢羅地獄) e para um dos Oito Grandes Reis Dragões há o lótus *upararyuô* (優鉢羅竜王), mas o primeiro é azul por causa da mistura de água e gelo, um frio que deixa a pele azul, e o segundo, do lugar onde os Reis Dragões surgem, um lago de *uparake* (優鉢羅華). Dessa mitologia vem a denominação do lótus azul.

39. Os Budas *nyorai* são diferenciados por características físicas únicas em virtude das suas capacidades extraordinárias. Séculos após a sua morte, Buda foi considerado pelas pessoas como um super-humano e sua representação pictórica tinha características não humanas. Também podemos supor uma apreciação de características físicas mitologicamente relacionadas à aristocracia ou aos seus deuses, dos quais acreditavam descender. Como um resultado da boa prática no estado de *bosatsu*, um *nyorai* nasce com as trinta e duas características corporais (*shôgo* ou *lakshana*) e oitenta marcas secundárias (*vyanjana*) que jamais seriam encontradas em seres humanos comuns. Os oitenta sinais favoráveis (*hachijûshukô* ou *hachijûzuigyôgô*) são versões mais detalhadas dos trinta e dois. Tais marcas identificariam um ser humano ideal, um super-humano, minorando indicações de sexo e podendo variar segundo os sutras. *Sanjûnisô* é como se refere aos “trinta e dois sinais” característicos sobre o corpo de Buda. Uma delas se denomina *Shinseigansô*: a pupila é azul-anil como as pétalas da flor de lótus azul.

las. Nota-se aqui que não temos o lótus de oito pétalas que simboliza o coração humano (*karidashin*, 干栗駄心 e *nikudanshin*, 肉団心) no budismo esotérico, mas temos o de mil pétalas usado no *kuyō* (ofício pelos mortos) de Buda que se senta nele.

Para resumo podemos tomar o *padma* como o lótus carmesim, *pundarika* como o branco, *utpala* e *nilotpala* como o azul, *kumuda* como o branco com vermelho.

O Ensino da Flor de Lótus

Sem dúvida, dizer que a planta lótus se desenvolve no lago escuro para florescer em brilho e cor é a forma budista, simples e pura, de exprimir um ensinamento importante. Seu meio não precisa ser necessariamente a lama, mas essa palavra não é totalmente negativa. Ela nos remete não só à criação do mundo e surgimento da vida como também ao Oceano Cósmico antes da criação do universo. A lama também significa o indiferenciado, o Vazio, a massa informe e absolutamente fecundante. Ela é o útero da manifestação da vida. A mandala *taizōkai*, com o lótus em seu centro, é uma mandala líquida, movediça, donde surgem todas as coisas.

Do umbigo de Vishnu, nas profundezas do Oceano Cósmico, a haste do lótus cresce na vertical para florescer na horizontal. São dois planos distintos, mas manifestações interdependentes e complementares de um mesmo deus, assim como as duas mandalas budistas. Observando a flor, vemos a mandala *taizōkai*, efêmera. Observando o seu avesso, vemos a mandala *kongōkai*, que nunca se desfaz, onde mora Vishnu. Na arte budista dizemos que Birushana está no topo da Montanha Eixo do Mundo, Shumisen, o que corresponde dizer que sua morada fica naquelas margens do Oceano Cósmico, onde manifestação e Vazio se encontram como praia e mar em perene dissolução.

Quando um adorador oferece uma flor de lótus à divindade, significa não só um louvor, mas também uma esperança de auto-realização espiritual, mesmo estando nesse mundo. Esperança em se manter aberto e puro, o que não subtrai a sua raiz que continua a se nutrir do lago, do Vazio essencial da doutrina mahayana. Céu e terra são pólos que devem se manter em equilíbrio, embora em planos diferentes.

Como a flor representa tanto a manifestação do universo, herança do hinduísmo, quanto a alquimia interior da transformação espiritual, herança do budismo, universo e a alma estão em estreita correspondência e colaboração em criar, a partir do nada, as manifestações quase sempre mediocrementemente percebidas pela consciência, porém necessárias para respondermos à questão inicial: “onde o universo está?” Apenas o budismo, através de sua arte, nos responsabiliza total-

mente pela resposta: “o universo só existe na mente e, portanto, a manifestação não tem substância sem a presença do observador” Não é esse o deleite de Vishnu e a conclusão da física quântica?

Referências bibliográficas

- McARTHUR, Meher. *Reading Buddhist Art*. An illustrated guide to Buddhist signs & symbols (“Lendo a Arte Budista. Um guia ilustrado para os sinais e símbolos budistas”). London: Thames&Hudson, 2002.
- ZIMMER, Heinrich. *Mitos e Símbolos na Arte e Civilização da Índia*. Joseph Campbell (comp.), Trad. Carmen Fischer. São Paulo: Palas Athena, 1989.
- SAUNDERS, E. Dale. *Mudra*. A study of symbolic gestures in Japanese Buddhist sculpture (“Mudra. Um estudo dos gestos simbólicos na escultura budista japonesa”). New Jersey: Princeton University Press, Bollingen Series LVIII, 1960.
- NISHIMURA, Kōchō. *Butsu-no Sekaikan*. Tōkyō: Yoshikawakōbun, 1979.
西村公朝『仏の世界観』吉川弘文館 東京1979
- BERTHIER, François. *Genèse de la Sculpture Bouddhique Japonaise*. France: Publications Orientalistes de France, 1979, pp. 23-25.
- BURCKHARDT, Titus. *A Arte Sagrada no Oriente e no Ocidente*. Trd. Eliana Catarina Alves e Serio Rizek. São Paulo: Attar, pp. 191-214.
- CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*, com Bill Moyers. Org. Betty Sue Flowers. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990, pp. 224-227.
- COOMARASWAMY, Ananda K e Irmã Nivedita. *Mitos Hindus e Budistas*. São Paulo: Landy, 2002.
- BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia: (a idade da fábula): história de deuses e heróis*. Trad. David Jardim Junior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- EGAWA, Kiyoshi, AOKI, Takashi, HIRATA, Yoshio (comps.). *Kigō-no Jiten* (“Dicionário de Símbolos”). Tōkyō: Sanseidō, 江川清 青木隆 平田嘉男 「記号の事典」 東京 三省堂 1985.
- JAPANESE-English Buddhist Dictionary (“Dicionário de Termos Budista em Japonês- Inglês”). Tōkyō: Daitō Shuppansha, 1965. 「日英仏教辞典」 東京 大東出版社
- NAKAMURA, Hajime. *Bukkyō Jiten* (“Dicionário Budista”). Tōkyō: Iwanamishoten, 1989, pp. 840-1. 中村元 「仏教辞典」 東京 岩波書店 1989
- TAYA, Raishun et al. (comps.). *Bukkyōgaku Jiten* (“Dicionário do Estudante Budista”). Tōkyō: Hōzōkan, Nova Edição, 1995, p. 463-4. 多屋頼俊 「仏教学辞典」 東京 法蔵館 1995
- Ilustração (1): NISHIMURA, Kōchō. *Butsu-no Sekaikan*. Tōkyō: Yoshikawakōbun, 1979, p. 8.
- Ilustração (2): KOMORI, Masahito. *Amida Nyorai-zō*, pp. 86-88 (romanizado)